

# UMA ANÁLISE A RESPEITO DO PENSAMENTO CONSERVADOR

*Roberto Stelmacki Junior<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O principal objetivo deste trabalho é realizar uma revisão teórica, bem como a citação de estudos de caso, a respeito do tema conservadorismo. Foram analisadas linhas de pensamento de diversos autores contemporâneos, bem como casos recentes de nossa história a fim de detectar maior ou menor grau de conservadorismo no discurso e na ação propriamente dita. Este trabalho apresenta diversas conceituações, dentre elas, o que vem a ser conservadorismo, tradicionalismo e progressismo na visão multidisciplinar de historiadores, sociólogos, filósofos e cientistas sociais. Também enfatiza as principais características do comportamento e do discurso conservador. Esclarece que conservadorismo é a tendência a cristalizar a ordem vigente e/ou a intenção de controlar as mudanças sociais a fim de garantir a minimização de suas conseqüências negativas para o estamento dominante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservadorismo, progressismo e tradicionalismo.

## **O Pensamento Conservador: Uma Reflexão Teórica**

De acordo com o dicionário de língua portuguesa Aurélio, conservador é “aquele que conserva, aquele que é favorável à conservação da situação vigente, opondo-se a reformas ou mudanças radicais”. Logicamente essa é uma visão semântica e que necessita maior aprofundamento devido a sua complexidade.

---

<sup>1</sup> Professor atuante no ensino médio, pré-vestibular e superior, mestrando em Ciências Sociais Aplicadas na UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa, desenvolvendo estudos na área de Desenvolvimento Regional e analisando a organização de APL's – Arranjos Produtivos Locais. rpgpr@uol.com.br

Analisando o trabalho de Silva e Silva (2005), verifica-se que “ser conservador significa acreditar que a sociedade, por ser um organismo muito complexo, formado de múltiplos elementos que se inter-relacionam para proporcionar bem-estar a seus membros, deve evoluir vagarosamente, evitando rupturas e revoluções”<sup>2</sup>.

Portanto, tomando por referência Silva e Silva (2005), o conservadorismo é a tendência política que se caracteriza pela deliberação de manter inalterada a ordem econômica, social e política vigente. Essa tendência inclina-se a cristalizar as tradições e instituições que se afirmaram pela experiência e a só aceitar mudanças superficiais, graduais e pouco frequentes. Assim, verificamos que essa tendência não se resumiu a uma proposta política, mas sim uma reação às transformações e revoluções (em especial os processos mais abruptos). O termo conservadorismo é encontrado também na filosofia que, em geral, atribui a essa tendência um corpo de caráter comumente ideológico.

Essa cristalização do já existente, a aceitação da ordem vigente no que se refere ao caráter conservador também pode ser observada em Mercadante (1972, p. 217), quando o mesmo afirma que “as reações conservadoras diante dos fatores iminentes e situações determinadas consistiriam em atitudes habituais, e nesta situação o pensamento tranquilamente aceita o existente, como se fosse a exata ordem das coisas e do mundo”.

De acordo com o Projeto Pausa para a Filosofia, a gênese do pensamento conservador está em Edmund Burke que entre os pensadores modernos, foi um dos primeiros a sistematizar as idéias do conservadorismo. Em suas considerações a respeito da Revolução Francesa, tachou os ativistas de “teoricistas”, “metafísicos” e “especuladores”, por causa de sua preocupação com teorias e idéias, que os teria levado a subestimar a complexidade do governo e a dificuldade de implementar mudanças de longo alcance.

Burke (1790 apud Projeto Pausa para a Filosofia, 2006) não negava, em princípio, os direitos defendidos pelos revolucionários, que seriam metafisicamente corretos (por exemplo uma Constituição que desse igualdade a todos os franceses) mas moral e politicamente fal-

---

<sup>2</sup> Definições como esta, ou semelhantes a esta, também podem ser encontradas em dicionários especializados em Sociologia e também no campo das Ciências Sociais como o da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

sos. Para ele, os direitos das pessoas estão mais bem assegurados quando o Estado funciona plenamente, o que depende, dentre outros fatores, da sabedoria de seus dirigentes. Burke defendia um governo fundado não nos direitos humanos, mas no atendimento das necessidades de seus membros através de um Estado forte e bem estruturado.

Observamos em Burke que um conservador não acredita que um código de leis e normas seja o suficiente para garantir a democracia, os direitos coletivos e individuais e o bem-estar da população. Para Burke a figura do governo e da organização do Estado sobressai e prevalece sobre a vontade do cidadão a fim de garantir a permanência da ordem e da governabilidade.

Nessa ótica, também comungada por Mercadante (1972), lei e ordem, no Estado conservador se sobrepõem aos interesses imediatos do cidadão:

Dentro desta perspectiva a lei, e com ela a ordem, está acima da sociedade, até porque ela é norma jurídica e não social. A legitimidade do poder e sua execução se estrutura no Estado e não na sociedade, o aparelho do Estado tem total controle e competência para gerir o todo social. Seguindo esta lógica (...) uma boa administração é preferível à melhor constituição (...) a constituição tem um apelo social, que a estrutura administrativa do Estado não tem, logo esta última pode conduzir muito mais satisfatoriamente a ordem social (MERCADANTE, 1972, p. 219).

Segundo Vianna (1997), a história do Brasil é farta em exemplos da postura, “reformular para conservar”, na qual os grupos que formam o corpo dirigente, bem como seus referidos *estamentos*, promovem reformas que têm como objetivo a manutenção da ordem (logicamente que a palavra “ordem” aqui é utilizada no seu conceito de maior *positivismo*). Essa postura é uma estratégia de manutenção da hegemonia. A *práxis* conservadora está relacionada a um discurso para a sociedade. Quando a sociedade apresentar uma conjuntura que demande por transformações, essas serão produzidas em termos de transformismo<sup>3</sup> (nunca de revolução). Mesmo que as mudanças vindouras sejam modestas, fique claro que o discurso deva ser implementado

<sup>3</sup> Também de acordo com o Professor Doutor Edson da Silva em suas aulas de Epistemologia das Ciências Sociais em agosto de 2005, os termos *transformismo* e/ou *transfiguração* têm sido utilizados para melhor representar o tipo de mudanças (conservadoras, contínuas, sem ruptura) que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea.

numa aparente radicalidade, pois o mesmo deve se propor a satisfazer aos clamores sociais, saciando-os com a ocorrência de mudanças (sejam elas quais forem, mesmo que medíocres).

Salientamos que usamos a palavra *estamento* de acordo com o pensamento do conservadorismo político no Brasil defendido por Fernandes (1967), por Franco (1997) e por Viana (1973) que, no geral, utilizam esse termo como sinônimo da somatória de uma classe social e de seus agregados.

Por isso, ainda de acordo com Viana (1997), a continuidade é um valor importante dentro do contexto do conservadorismo. Qualquer mudança deve ser cuidadosamente avaliada e só incorporada se acarretar um mínimo de efeitos secundários. Os conservadores afirmam que uma nova idéia teoricamente (ou aparentemente) mais justa pode ser inadequada e até mesmo “nociva” se posta em prática. Essa afirmação encontra argumentos de subsistência na noção de manutenção da ordem vigente e do *status quo*.

Viana (1997) deixa claro que, para os conservadores, possíveis transformações no interior da ordem vigente visam o seu aperfeiçoamento, ou seja, as ditas mudanças só encontram respaldo desde que garantam a ampliação das suas bases de legitimidade e eficiência, caso contrário é melhor que não se materializem. O conservadorismo, portanto, é próprio de uma sociedade de classes (capitalista), onde há conflito e oposição de interesses políticos, sociais e econômicos.

Através da análise determinista de Mannheim (1981), na sociedade contemporânea, do ponto de vista conservador, o governante deve tomar com cuidado o entusiasmo da transformação que muitas vezes são sugeridos para os negócios práticos do Estado e deixar-se guiar por precedentes e exemplos que já funcionaram a contento no passado. Os **conservadores** rejeitam as iniciativas de caráter liberal<sup>4</sup> e mantêm forte respeito por instituições tradicionais, como a família e a propriedade

---

<sup>4</sup> Também de acordo com Giddens (1996), liberal ou progressista é aquele que defende políticas sociais distributivas, legislação de proteção trabalhista, sistema educacional e de seguridade social universalistas e laicos, e que costuma ter posições mais favoráveis em temas como união civil entre pessoas do mesmo sexo, medidas de ação afirmativa e de proteção aos direitos das mulheres, dentre e de minorias. Esse conceito é muito diferente, portanto, do “liberal” no sentido puramente econômico da expressão. Um liberal-progressista é, por exemplo, favorável a que se cobrem taxas e impostos dos contribuintes para financiar políticas sociais e ele não acredita que o mercado deva ser o único parâmetro de decisão de políticas públicas.

privada. Por princípio, são adversários das mudanças súbitas e das inovações e tendem a aceitar as imperfeições do ser humano como realidades inerentes a sua natureza, em vez de contar com a possibilidade de reconstrução e aperfeiçoamento.

Mannheim (1981) ainda defende a existência de uma força natural que leva às transformações e que está além da vontade das massas. Prega a manutenção do poder conservador, mantenedor da ordem estabelecida:

... o conservador enfrenta a transformação com a *ordem*. Não há a negação do movimento constante das sociedades humanas; ao contrário, ele é naturalizado, as sociedades humanas naturalmente caminham para o progresso, logo não há necessidade do rompimento da ordem estabelecida, até porque ela assegura completamente o progresso. Mesmo que o homem não queira sempre haverá mudança, ela é inevitável, pois a história é traçada não pela vontade dos indivíduos, mas por sua evolução natural, contínua e metafísica. O progresso da humanidade e a finalidade da vida social estão amparados a um Deus transcendente, que conduz de fora as ações e intenções humanas. O discurso conservador incorpora a alienação como um dado insignificante historicamente (MANNHEIM, 1981, p. 14).

De acordo com Ferreira (1989), no vocabulário político do século XIX, no Brasil, ser conservador implicava ser adepto da direita e ser progressista significava ser da esquerda. O primeiro era intrinsecamente “mau”, por desejar manter a ordem vigente que privilegiava uma minoria detentora do poder, e o segundo era inerentemente “bom”, por almejar ideais republicanos e democráticos. Sendo assim, a palavra progresso evocava naturalmente a idéia de avanço e de evolução para melhor e conservador trazia à mente a noção de atrasado e retrógrado.

Segundo Giddens (2002), no decorrer do século XX, a palavra conservadorismo adquiriu conotação pejorativa e passou a sinônimo de reacionarismo, ou, erroneamente, de oposição ao progresso. Por essa razão, segundo ele, muitos partidos políticos abandonaram essa denominação tão comumente usada no decorrer do século XIX.

Isso, porém, não significou o fim do conservadorismo, mas o mascaramento dessa tendência em novas siglas e instituições que, com outras denominações, opõem-se vivamente às severas mudanças sociais.

Na concepção de Giddens, essas siglas e/ou instituições re-

jeitam a concepção de marcha histórica ou evolução social e ainda defendem um poder político imune às flutuações das opiniões em geral, mantendo-se essencialmente conservadoras.

Giddens também apresenta uma definição ao tratar do conservadorismo como sendo a “intervenção controlada na sociedade e na natureza”. Ele trata do conservadorismo como sendo um elemento de oposição ao neoliberalismo numa visão bem atualizada deste conceito.

Fica claro na análise de Giddens (1996) que, para os conservadores, o novo não é necessariamente melhor do que o antigo. “Mudar nem sempre implica evoluir”. O progresso, por si só, não é algo intrinsecamente positivo. É esse, para ele, o “cerne do pensamento conservador”.

É consenso dentre os cientistas sociais, sociólogos, filósofos e historiadores, a importância de também diferenciar conservadorismo de tradicionalismo, se bem que, de acordo com o pensamento de Mannheim (1981), o uso dessas palavras no senso comum tende a convergi-las a sinônimos.

Para Mannheim (1981, p. 102), o tradicionalismo é “uma tendência a se apegar a padrões vegetativos, a velhas formas de vida que podemos considerar como razoavelmente onipresentes e universais”.

Assim, de acordo com o ponto de vista de Mannheim (1981), “todos em todas as sociedades e em todos os tempos históricos têm algum grau de tradicionalismo”. Ele também defende a idéia de *continuum* para esse conceito, ou seja, dentro da sociedade alguns traços da sua cultura tendem a perpetuar-se através das manifestações de culto ao passado através do tradicionalismo.

Portanto, o conservadorismo, que nada mais é que a resistência às mudanças em geral que ponham risco à hegemonia de uma classe e/ou estamento, é totalmente diferente de tradicionalismo que é no seu cerne apenas a conservação de alguns dos aspectos culturais de um dado grupo ou sociedade.

Mannheim deixa claro que o tradicionalismo está mais vinculado ao eu, enquanto indivíduo, como característica pessoal na adoção de práticas de vida. Já o conservadorismo está ligado a tomada de decisões e ações que podem alterar a ordem vigente em maior ou menor grau.

A palavra tradicionalismo designa, em grau maior ou menor, a característica psicológica formal de toda mente individual. A ação 'conservadora', no entanto, depende sempre de um conjunto concreto de circunstâncias (MANNHEIM, 1981, p. 102).

Fica claro para nós que o conservadorismo lança mão da tradição de forma bastante peculiar a fim de usá-la ideologicamente como elemento essencial de uma possível cristalização da ordem vigente. Isso parece muito evidente quando do apelo a materialização da identidade sócio-cultural, que identifica e irmana sujeitos isolados, construindo o sentimento de pertencimento.

O sentido da palavra *pertencimento* está sendo usado nesse trabalho atrelado ao conceito de identidade defendido por Bauman (1999, 2005).

Na visão de Bourdieu (1998) e de Elias (1990, 1998), o conservadorismo está presente diuturnamente em nossas vidas, nos mais diversificados sistemas de relações humanas, como, por exemplo, na religião, na política, e na economia.

Segundo Nishimura (2004), os resultados de incursões nos meandros das opiniões, atitudes, práticas e discursos dos brasileiros e dos cidadãos do mundo, revelaria-nos posicionamentos que, quase sempre, apontam na direção de um maior ou menor grau de conservadorismo.

Desde o início do século XX, Benjamin (1928 apud Nishimura 2004) já tratava da análise dos discursos políticos fazendo inferência à possibilidade de diagnosticar a presença do conservadorismo nos mesmos. Nos referimos nesse caso aos elementos da oralidade e/ou escrita que parecem evidenciar, muitas vezes com considerável precisão, o maior ou menor grau de conservadorismo de um indivíduo.

De acordo com Nishimura (2004), o discurso pode ser avaliado em conservador ou não-conservador (progressista e/ou liberal) através da fala e/ou das escolhas de respostas prontas às mais diversas perguntas.

Para Nishimura, se as respostas forem do tipo: "ta bom assim", "não me envolvo com política", ou qualquer coisa semelhante a isso, esse também será um sinal de conservadorismo, pois se leva a vida na inércia.

Na análise do discurso, considerando-se o pensamento de Burke (2002) e de Foucault (1995), e ainda de acordo Meihy (2005),

algumas palavras, dentro do seu devido contexto, podem vir a ser sinais de conservadorismo, como: apenas, simplesmente, inevitavelmente, conseqüentemente, etc. Alguns termos, que muitas vezes já viraram ditos populares, podem nos dar essa mesma idéia, como “Deus quis assim”, “é a vontade de Deus”, “esse é o destino”, “pau que nasce torto morre torto”, “sempre foi assim”, “não tem mais jeito”, “político é tudo ladrão”, dentre outros.

Baseados em Da Matta (1997), fica claro que o progressista (não-conservador), no geral, não se contenta em dar ou em aceitar uma resposta pronta, sentindo quase sempre a necessidade de completar, comentar, re-escrever. É aquele que é criativo e faz sempre um discurso de ordenação dialética, analisando às múltiplas determinações que interferem em um fato ou caso.

Segundo o pensamento de Dagnino (1994), o progressista (não-conservador) não precisa ser um revolucionário propriamente dito. Compartilha também dessa mesma opinião, Caldeira (1991) ao caracterizar o progressista como aquele que é portador de múltiplos conhecimentos e que tem a capacidade de inter relacioná-los e utilizá-los de maneira a contribuir com o desenvolvimento social, efetivando mudanças significativas que culminem com o bem comum, reduzindo principalmente a desigualdade entre as pessoas, mesmo que para a concretização disso seja necessária a destruição da ordem vigente.

Fundamentados nessa idéia de Nishimura é que realizamos a segunda parte desse trabalho cujo principal objetivo é prolongar a discussão e a reflexão a respeito do tema conservadorismo através da demonstração de estudos de casos analisados por alguns pensadores das ciências sociais.

## **Discussão sobre o Conservadorismo: Estudos de Casos**

### **Da Igreja Católica:**

O estudo descrito na seqüência é um produto da análise de Alencar (2005) quando da ocorrência da última substituição papal na Igreja Católica.

Segundo ele, bom exemplo de postura conservadora foi a de

Karol Wojtyła, ou seja, o papa João Paulo II, que nos seus vinte e sete anos de papado à frente da Igreja Católica conseguiu manter inalteradas as bases ideológicas desta (consideradas por muitos, obsoletas, ultrapassadas e carentes de reformas) sem perder a simpatia popular e ainda produzindo uma espetacular jogada de marketing ao ser o conservador mais simpático, carismático e querido da história do Vaticano.

João Paulo II conseguiu explicitar ares progressistas numa postura conservadora, ou seja, não realizou expressivas mudanças ideológicas na Igreja Católica, porém não deixou, em nenhum momento, de tratar com perspicácia dos assuntos polêmicos, sempre demonstrando seu conservadorismo que quase sempre vinha carregado de citações da necessidade do respeito ao próximo, da tolerância, do próprio amor.

Mostra dessa postura foi o posicionamento de João Paulo II logo após uma manifestação de homossexuais nas proximidades do Coliseu em Roma (ano 2000), quando o papa afirmou que o homossexualismo “iria contra as leis da natureza” e que devia ser visto como “uma ofensa aos cristãos”. Nesse mesmo pronunciamento o papa alertou seus fiéis a respeito da “discriminação”, salientando que os homossexuais deviam ser tratados com “respeito, compaixão e delicadeza”.

Ainda de acordo com Alencar a própria escolha de Joseph Ratzinger para o papado é um grande sinal de conservadorismo, pois no mínimo o “Vaticano se propôs a evitar grandes mudanças no pensamento ideológico da Igreja Católica”.

Essa colocação se confirma na divulgação da Encíclica<sup>5</sup> de Bento XVI que apenas transcreveu a intenção de manter um papado balizado nas obras anteriormente realizadas por João Paulo II, ou seja, manteve-se a postura de uma lentíssima e gradual abertura da Igreja para tratar de assuntos polêmicos da atualidade, como o homossexualismo, o aborto, a relação da fé e a razão, a relação da ciência e da religião, dentre outros.

De acordo com a opinião de Sola (2004 apud Alencar, 2005), Ratzinger pode ser ainda visto como um ultraconservador pois foi prefei-

---

<sup>5</sup> Encíclica é um documento dirigindo aos bispos de todo o mundo tratando de matérias doutrinárias no campo da fé, costumes, culto social, etc. Inaugura o pontificado do Papa, é como se fosse um “plano de governo” que só é conhecido após o término das eleições.

to da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>6</sup> que divulgou documentos em 2003 que faziam, por exemplo, considerações gerais sobre o trato com homossexuais, criticando a liberação do casamento (união legal) para estes, pois esse ato feriria o princípio da família. Nesse mesmo documento Ratzinger ainda solicitava que os políticos católicos não permitissem a aprovação de tais tipos de leis.

“Ao menos nesse aspecto a Igreja não evoluiu em nada, mantendo-se radicalmente conservadora”, afirma e conclui Sola (2004 apud Alencar, 2005).

### **Da Política Econômica Brasileira:**

É conveniente ressaltar que toda a análise que se segue foi realizada por Costilla (2005) ao observar a postura de resguardo do governo brasileiro ao tratar da política econômica de nosso país, em especial ao que se refere as taxas de juros que são comumente praticadas pelas instituições financeiras.

Em março de 2006 o governo anunciou que iria baixar a famosa taxa SELIC<sup>7</sup>. Essa notícia deixou apreensivo o mercado financeiro que esperava uma redução considerável desta, que é o indexador das taxas de juros<sup>8</sup> gerais que são cobrados no Brasil.

O anúncio de uma redução de 0,75 ponto dada pelo COPOM (Comitê de Política Monetária do Banco Central) decepcionou em geral o mercado financeiro e os empresários brasileiros que esperavam uma redução mais significativa a fim de baratear o custo dos investimentos no país, segundo estes, viabilizando a retomada de um modelo de desenvolvimento mais expressivo.

---

<sup>6</sup> Uma espécie de Tribunal de Inquisição, que nos anos 80 e 90 do século passado, que tratou de assuntos considerados delicados pela Igreja, como o homossexualismo e a influência do pensamento marxista na doutrina religiosa (é o caso do afastamento de Leonardo Boff, em 1992, por causa da Teologia da Libertação).

<sup>7</sup> SELIC – Sistema Especial de Liquidação e Custódia: é uma taxa média de financiamento diário de títulos do Governo Federal que serve como indicador diário das diversas taxas de juros cobradas no Brasil, como, por exemplo, as movimentações financeiras interbancárias. Atualmente essa taxa é de 16,5% ao ano.

<sup>8</sup> De acordo com a expectativa da Fiesp, acreditava-se numa postura progressista, menos conservadora. Na verdade a própria Fiesp sugeria um valor pouco superior a um ponto percentual.

Nesse caso também pode ser observada uma postura conservadora, pois o mercado em geral esperava uma redução da taxa SELIC acima de 1% e o governo optou por um valor menos expressivo, porém mais seguro no que se refere à estabilidade da economia do nosso país. Segundo Costilla, ocorre uma “mudança”, porém a mesma se dá de forma gradual, mantendo-se as devidas proporções do controle e do poder sobre essas já referidas transformações. Isso é conservadorismo.

Ainda segundo Costilla (2006), Lula e o PT (Partido dos Trabalhadores) conquistaram o governo do Brasil, mas não o poder. Segundo ele, a estrutura social e econômica persiste no conservadorismo ao não se alterar o estado gerencial do país no que se refere à manutenção do sistema neoliberal. O autor lembra que a elegibilidade de Lula só se confirmou quando em 2002 o PT publicou uma carta aberta onde o futuro governo se comprometia a manter a política econômica neoliberal que vinha sendo desenvolvida pelo governo FHC, bem como o cumprimento de metas e normas impostas pelo FMI (superávits primários elevados, altas taxas de juros, planos de metas de inflação, controle extremo de gastos públicos, etc).

Como último exemplo do conservadorismo do governo Lula, Costilla (2006) lembra que as reformas da previdência e tributárias visam apenas aumentar a arrecadação fiscal e não contemplam necessariamente os anseios do povo brasileiro, que seriam, em tese, no mínimo a redução das desigualdades sociais através da ampliação de direitos e de benefícios.

### **Da Política Estadunidense:**

Essa reflexão ocorre embasada na análise de Nobre (2005) no que se refere a política de George W. Bush e o republicanismo nos Estados Unidos.

O ex-presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, adotava uma postura conservadora (lembre-se que ele era Republicano), mantinha a economia do país em expansão e desenvolvimento pautado na manutenção de constantes conflitos militares espalhados pelo mundo (período final da Guerra Fria). Na política interna de George Walter Bush, se vê uma mera cópia da política conservadora de Reagan nos anos 80. Bush pretende, por exemplo, realizar cortes substanciais nos impostos

beneficiando pessoas físicas e jurídicas. O que para Nobre, é um sinal de claro de conservadorismo. Para ele, diminuir a insatisfação do povo em relação ao seu governo, ou seja, estabelecer uma política de concessões, é uma das formas de manutenção do poder conservador, evitando-se assim os processos de lutas e revoluções.

Num artigo recente, Nobre usou como exemplo o filme infantil “Os Incríveis” para demonstrar sinais claros do acentuado conservadorismo da sociedade estadunidense. Para ele, o verdadeiro herói do filme é a família (tradicional, modelo 1950, ou seja, pai, mãe, três filhos, obviamente brancos). Para ele, a mulher é “elástica”, realizadora de múltiplas funções que vão de cuidar da casa, dos filhos e do marido, até dar comida para o cachorro e salvar o mundo.

O enredo do desenho coloca todo membro da família como um super-herói, e todos têm uma função específica, sendo que todos precisam trabalhar juntos (coesos) para o bem geral da humanidade e a manutenção da ordem (estas também são características dos conservadores, ou seja, bem geral e ordem).

Segundo o autor, e ainda de acordo com o pensamento de Apple (2003), os conservadores investiram forte na cultura dos últimos anos e ainda nos ditos valores americanos estabelecidos nas cruzadas morais e religiosas o que significa a volta do conservadorismo no processo educacional dos Estados Unidos.

### **Considerações Finais**

Esse trabalho demonstra importância ao trazer uma reflexão a respeito do que é ser conservador, pois no senso comum, o termo é utilizado como noção de atrasado ou retrógrado, e muitas vezes considerado como sinônimo de oposição ao progresso.

O conservadorismo se apresenta como uma intervenção controlada do estamento dominante na sociedade e na natureza. O conservadorismo está ligado a manutenção inalterada da *ordem* política, econômica e social, permitindo, no máximo, uma lenta e superficial evolução desta, controlando o processo de mudança a fim de evitar rupturas e/ou revoluções.

Esse conceito caracteriza-se pela aceitação de uma ordem

existente e vigente, como se a mesma fosse natural, correta ou ainda a única opção, nunca admitindo sua contestação. Para o conservador, mudar nem sempre significa evoluir ou progredir.

O conservadorismo admite o *transformismo* da realidade vivida como estratégia de manutenção da hegemonia de uma classe ou estamento dominante através de uma política de concessões que venha a se caracterizar por mudanças cuidadosamente avaliadas a fim de acarretar o mínimo de efeitos secundários e nocivos, bem como que venham a manter o seu *status quo*.

As mudanças na sociedade só serão aceitas no conservadorismo desde que encaradas como instrumentos de aperfeiçoamento da ordem vigente, desde que caracterizem a ampliação das bases de legitimidade e de eficiência do sistema.

Os conservadores, no geral, valorizam as instituições tradicionais, como a família e a propriedade privada. Normalmente rejeitam as idéias mais progressistas, como as políticas de redistribuição de rendas e as uniões homossexuais.

O conservadorismo está ligado, portanto, ao discurso, à tomada de decisões e à realização de ações que podem, em maior ou menor grau, manter a ordem vigente diuturnamente em nossas vidas.

Essas idéias cristalizam-se nos estudos de casos abordados nesse trabalho, onde as posturas de João Paulo II, de Bento XVI e da própria Igreja Católica como um todo, indicam claramente sinais de lentas e graduais mudanças, típicas do pensamento conservador.

O cuidado do governo Lula em não promover mudanças econômicas significativas nas taxas de juros, bem como de manter a política de caráter neoliberal, dentre outros fatores, também se mostra como forte indicador da presença do pensamento conservador.

A retomada decisiva de valores tradicionais como a família e a religião na sociedade estadunidense vêm apenas a confirmar a importância da análise e da reflexão a cerca do tema conservadorismo não apenas no Brasil, mas também no mundo através das diversas posturas da política internacional e na influência do pensamento conservador nestas.

Em suma o conservador não nega uma certa evolução na sociedade, vendo-a inclusive como processo natural rumo ao progresso. Nessa ótica o progresso é inevitável. Sendo portanto, desnecessário o

rompimento da ordem vigente. Este é o cerne do pensamento conservador.

## AN ANALYSIS REGARDING THE CONSERVATIVE THOUGHT

**ABSTRACT:** This work has for objective to carry through a theoretical revision and studies of case regarding the subject conservatism. For this lines of thought of diverse authors had been analyzed contemporaries, as well as recent cases of our history in order to detect greater or minor conservatism degree. This work presents diverse conceptualizations of that it comes to be conservatism, traditionalism and progressivism in the vision to multidiscipline of social historians, sociologists, philosophers and scientists. This also emphasizes the main characteristics of the behavior and the speech conservative who tends to crystallize the effective order and or to control the social changes in order to minimize its consequences for the dominant estamento.

**KEY WORDS:** Conservatism, progressivism and traditionalism.

## Referências

- ALENCAR, K. **Conservadorismo é legado de João Paulo II**. Folha On Line, 03 Abr. 2005. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br>. Acesso em 14 de Mai. 2006.
- APPLE, M. **Educando à Direita**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAUMAN, Z. **Globalização – as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, P. **Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BURKE, Peter, **História e Teoria Social**. São Paulo: UNESP, 2002.
- CALDEIRA, T. P. do R. **Direitos humanos ou “privilégios de bandidos”?** Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, Jul. 1991.
- COSTILLA, L. F. **O.O conservadorismo do BC decepciona**. Mar. 2006. Disponível em: <http://www.universia.com.br>. Acesso em 14 Mai 2006.
- DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, E. (org.). **Os anos 90: Política e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DA MATTA, R. **Sabe com quem está falando? Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ELIAS, N. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: B. Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

- FERNANDES, F. **A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1967.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004, 259 p.
- FERREIRA, O. L. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- FRANCO, M. S. de C. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1997.
- FOUCAULT, J. M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- GEOGRAFIA do preconceito, **Folha de S. Paulo**. p. A4, 20 Mai 2002.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Para além da esquerda e da direita: O futuro da política radical**. São Paulo: UNESP, 1996.
- JOÃO PAULO II diz que homossexualismo é anomalia. Papa critica manifestação de homossexuais na capital italiana. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 Jul. 2000.
- MANNHEIM, K. **O pensamento conservador**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**, 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MERCADANTE, P. **A consciência conservadora no Brasil**, Rio de Janeiro: Saga, 1972.
- NISHIMURA, K. M. **Conservadorismo Social: Opiniões e Atitudes**. Disponível em: <http://www.scielo.br> . v. 10, n. 2, Oct 2004. Acesso em 14 Mai 2006.
- NOBRE, M. **O Incrível George W. Bush**. Disponível em: <http://www.uol.com.br> . Acesso em: 14 Mai 2006.
- PROJETO PAUSA para a Filosofia. Revista Leituras Cotidianas. Associação dos Professores da PUC-SP. **O que é Conservadorismo**. Disponível em: <http://www.pfilosofia.pop.com.br>. n. 224. 23 Fev 2006. Acesso em 14 Mai 2006.
- SILVA, B. (org). **Dicionário de Ciências Súcias**. Rio de Janeiro: FGV/MEC, 1987.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- VIANA, L. W. **A revolução passiva: Iberismo e Americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: REVAN, 1997.
- VIANA, O. **Populações Meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.